



ANTIGO REAL HOSPITAL DE CRIANÇAS
MARIA PIA

PORTO

15-3-1882

15-3-1967

PEQUENA HISTÓRIA DE UMA GRANDE OBRA DE
ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇINHAS POBRES E DOENTES

COMEMORATIVA DOS 85 ANOS DA APROVAÇÃO
DOS PRIMEIROS ESTATUTOS DA

Associação do Hospital de Crianças MARIA PIA
(ANTIGO REAL HOSPITAL DE CRIANÇAS MARIA PIA)

1882-1967

Tudo, senhores, perece – grandezas, honras, poder e força – mas a semente da Caridade jamais cai em terra estéril; tem por cultivador Aquele que não morre, e as plantas que dela brotam jamais o tempo as murcha, porque florescem até à eternidade.

Mouzinho de Albuquerque



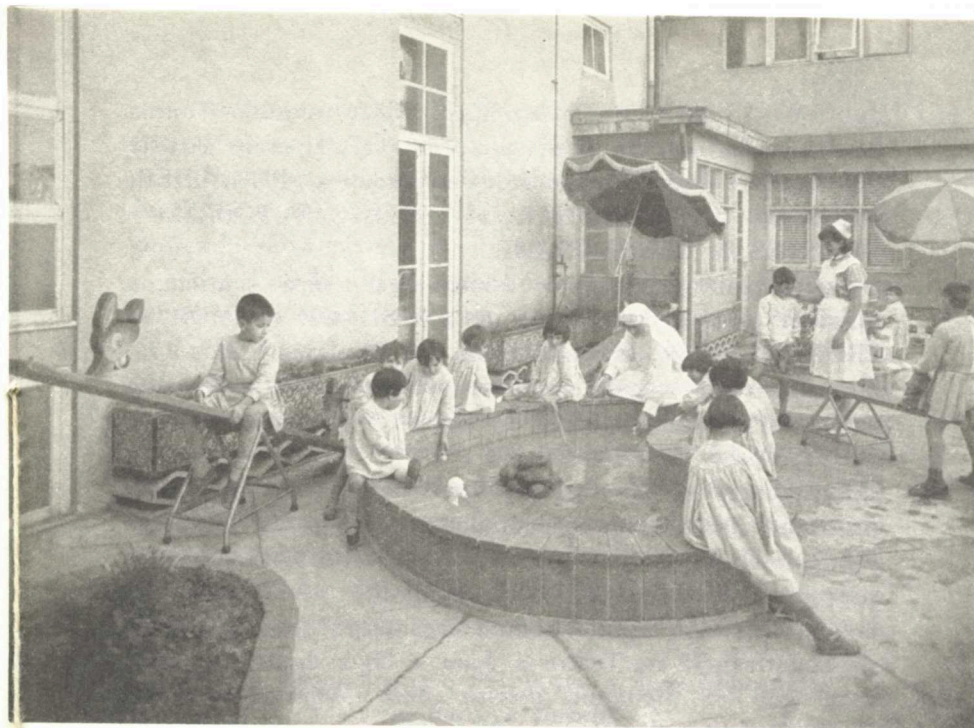
ALGUNS VISITANTES ILUSTRES AO NOSSO HOSPITAL

ÀS ANTIGAS INSTALAÇÕES DE JANEIRO DE 1883 A NOVEMBRO DE 1908

Raíña D. MARIA PIA
D. AMÉLIA — Duquesa de Bragança
D. AFONSO HENRIQUES — Duque do Porto
El-Rei D. CARLOS
Raíña D. AMÉLIA
Conselheiro JOÃO FRANCO
Cardeal D. AMÉRICO
Conde de S. MICUEL — Oficial-mór da Casa Real
D. MANUEL II — Rei de Portugal
Conselheiro D. MANUEL AFONSO ESPREGUEIRA

D. THEOTÓNIO — Bispo de Miniapor
D. ANTÓNIO BARBOSA LEÃO — Bispo do Porto
D. SEBASTIÃO NICOTRA — Núncio Apostólico
Coronel Dr. HERCULANO J. FERREIRA — Governador Civil do Porto
Capitão ANT. RAÚL GOMES PEREIRA — Ministro do Interior
Marechal ÓSCAR CARMONA — Presidente da República, Exmas. Esposa e Filhas
Dr. FERNÃO COUCEIRO DA COSTA — Governador Civil do Porto
Dr. ANTÓNIO AUGUSTO PIRES DE LIMA — Governador Civil do Porto
Dr. MÁRIO PAIS DE SOUSA — Ministro do Interior
Dr. ANTÓNIO MENDES CORREIA — Presidente da Câmara do Porto
General CRAVEIRO LOPES — Presidente da República
Snr. MINISTRO da Itália e CÔNSUL da Itália
Snr. LUIGI PEDERZONI — Presidente da Real Academia de Itália
Dr. BRAGA PAIXÃO — Delegado Geral da Assistência
Snra. D. MARIA MADALENA BRAGA PAIXÃO
Dr. JOAQUIM DINIZ DA FONSECA — Sub. da Assistência
Snra. D. MARIA DO CARMO FRAGOSO CARMONA — Esposa do Chefe do Estado
Dr. MÁRIO DE ALMEIDA — Governador Civil do Porto
Dr. LUÍS DE PINA — Presidente da Câmara Municipal do Porto
Dr. JÚLIO BOTELHO MONIZ — Ministro do Interior
Major FERREIRA BRAGA — Comandante da Polícia
Rei HUMBERTO de Itália
D. AGOSTINHO DE JESUS E SOUSA — Bispo do Porto
D. ANTÓNIO AUGUSTO DE CASTRO MEIRELES — Bispo do Porto
D. JOÃO EVANGELISTA — Bispo de Aveiro
D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO — Arcebispo Bispo de Aveiro
Pe. FRANCISCO RODRIGUES DA CRUZ
Dr. MACHADO PINTO — Director da Assistência
Dr. SOUSA GOMES — Director da Assistência
D. MARIA ANNA DE BRAGANÇA — Infanta de Portugal
D. MAFALDA — Princesa de Thurny e Taxis de Bragança
Dr. ANTÃO SANTOS DA CUNHA — Governador Civil do Porto
Esposa do Exmo. Snr. PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dr. TRIGO DE NEGREIROS — Ministro do Interior
Snr. CONDE DE CAMPO BELO

Snr. Prof. VEENESCLOUS — da Universidade de Holanda
Infanta D. FILIPA
Príncipe da BEIRA com seu Irmão D. DUARTE
Snr. CONDE DE NIGRE
Snra. D. CRISTINA V. ROMANO DE ARANTES E OLIVEIRA —
Esposa do Snr. Ministro das Obras Públicas
Eng. EDUARDO ARANTES E OLIVEIRA — Ministro das Obras Públicas
Dr. HENRIQUE MARTINS DE CARVALHO — Ministro da Saúde e
Assistência
Snra. D. GERTRUDES RIBEIRO DA COSTA RODRIGUES TOMAZ —
Esposa do Presidente da República
Dr. AZEREDO PERDIGÃO — Presidente da Fundação Gulbenkian
Snr. Conde de VILA-FLOR
Eng. JOÃO BRITO E CUNHA — Governador Civil do Porto
Dr. NUNO MARIA FIGUEIREDO CABRAL PINHEIRO TORRES —
Presidente da Câmara
ESPOSA do Snr. Ministro do Interior
S. A. R. o Príncipe da Beira
D. DUARTE PIUS DE BRAGANÇA — Príncipe da Beira e D. MIGUEL
de BRAGANÇA
Dr. JORGE DA FONSECA JORGE — Governador Civil do Porto



DE TODOS OS NOSSOS TEZOUROS, SÓ
LEVAREMOS PARA O OUTRO MUNDO
A PARTE QUE NESTE TIVERMOS DADO.

BOSSUET

... é justo recordar e preitear os que foram seus fundadores:

*Alberto Borges de Castro—Dr. António Augusto de
Melo—António Ferreira de Brito—António Pinto da Costa
Carneiro—Conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga—
Visconde de Alves Machado—D. Joaquim de Carvalho
Azevedo Melo e Faro—Dr. José Luciano Alves Quintela—
Dr. Paulo Marcelino Dias Freitas—Dr. Rodrigo António
Machado Guimarães (proprietário da Farmácia Homeopática
adiante mencionada)*

que no último dia do ano de 1881, reunidos numa Farmácia da Rua do Bonjardim, n.º 115, tiveram a ideia de fundar uma instituição destinada a RECOLHER, MEDICAR e ACARINHAR as CRIANÇAS POBRES e DOENTES de TENRA IDADE...

Corações generosos e almas boas, eles sentiam e queriam praticar esse dever de CARIDADE e AMOR ao PRÓXIMO e logo se constituíram em Comissão Fundadora, lançando ombros a tão grandiosa empresa e estabelecendo as bases para uma OBRA de tão alto alcance SOCIAL e CRISTÃO.

Elaborados os respectivos Estatutos, para serem presentes às autoridades competentes, logo a Comissão Fundadora anunciou à cidade do Porto a OBRA que se propunha levar a efeito e pedia-lhe a indispensável colaboração. Ao mesmo tempo organizava um espectáculo de beneficência no Teatro S. João, a favor dessa iniciativa, e a que se dignaram assistir Suas Majestades o Rei D. Luís I e a Rainha D. Maria Pia, acompanhados de seus filhos as Altezas Reais.

Tão honrosas presenças muito contribuíram para o brilho desse espectáculo e para a elevada receita obtida, pois rendeu a apreciável cifra de 1.218\$707 reis.

Submetidos os Estatutos à aprovação superior, eram os mesmos devolvidos e já aprovados à Comissão Fundadora, sendo esta ao mesmo tempo informada de que Sua Majestade o Rei D. Luís I se dignara aceder à solicitação feita de que à nova Instituição fosse dado o nome de

REAL HOSPITAL de CRIANÇAS de MARIA PIA

e ainda que Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia o tomava debaixo da Sua real protecção, circunstâncias que encheram de grande júbilo a Comissão Fundadora; mas isto não

constituiu surpresa pois já então se sabia em Portugal inteiro que a Rainha era a Bondade personificada.

Passou-se isto em 15 de Março de 1882, e é esta data histórica para o nosso Hospital, que neste momento se pretende recordar e comemorar.

Em 2 de Junho desse mesmo ano a Comissão Fundadora escolheu de entre si os primeiros Presidente e Secretário e nessa mesma sessão foi proposto pelo Senhor Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas que se alugasse pelo prazo de 5 anos e pela renda anual de 500\$000 reis, uma casa na rua da Carvalhosa pertencente aos herdeiros da falecida Viúva Chaves, para ali se instalar desde logo, o projectado Hospital.

Unânimemente aprovada essa proposta, esta Instituição começou sem mais delongas a frutificar na Carvalhosa.

Em sessão de 7 de Junho a Comissão Fundadora conferia diplomas de

Sócios Beneméritos e Perpétuos a Suas Majestades *o Rei e a Rainha*

Protectores e Beneméritos a Suas Altezas *os Príncipes Reais D. Carlos e D. Afonso Henriques*

em demonstração de apreço e reconhecimento, e organizava um espectáculo no Teatro S. João, que se realizou em 12 de Agosto, e mais uma vez com a assistência de Suas Majestades.

A 5 de Novembro desse mesmo ano de 1882, em reunião especialmente convocada, a Comissão Fundadora elegia os primeiros Corpos Gerentes, ficando na 1.ª Comissão Administrativa, na Assembleia Geral e no Corpo dos Médicos todos os sócios fundadores.

A respectiva posse foi dada a 10 de Novembro e promoveram a sua primeira reunião em 15 desse mês,

tendo então deliberado que o Hospital abrisse no dia 1 de Janeiro seguinte, ficando o seu Presidente incumbido de adquirir os móveis e utensílios para a nova Casa.

Nessa reunião o Senhor Tesoureiro informou ter em Caixa a quantia de 6.249\$175 reis, verba esta que se aproveitou para as primeiras despesas.

E assim, o Real Hospital de Creanças de Maria Pia abriu as suas portas no dia de Ano Bom de 1883, em edifício alugado na Rua da Carvalhosa (onde mais tarde funcionou a Assistência Nacional aos Tuberculosos) a melhor casa que então se obteve, embora humilde e sem os requisitos indispensáveis ao Hospital que se tinha em vista.

Portanto, conseguir um edifício próprio passou a ser a preocupação mais instante dos Corpos Gerentes!

Porém, a verba de que se carecia era elevadíssima e não podia juntar-se de pronto para realizar uma OBRA de tal Magnitude. Todavia, isto não foi motivo de desânimo para aqueles que tão empenhados estavam nela...

— Decorreram mais 5 anos. Em 1889 os novos Estatutos, no seu artigo 3.º, frisavam:

— A Associação, logo que seja possível, fará construir uma casa para o seu Hospital, observando-se na sua construção todos os preceitos higiênicos.

Com a ajuda de Deus pôde-se, nesse mesmo ano, criar um Fundo para a construção do edifício próprio, com a quantia de 4.124\$040 reis provenientes de um Bazar de prendas realizado no Palácio de Cristal Portuense, quantia que um ANÓNIMO logo elevou para 5 CONTOS de reis, parte do seu bolso e parte por ele angariada. Nestas condições a Comissão Administrativa legou à sua sucessora 9.403\$700 reis para a construção do edifício hospitalar, vencendo assim uma das primeiras e grandes dificuldades.

Reeleita a Comissão Administrativa, logo diligenciou conseguir o terreno gratuito, visto não poderem dispender qualquer importância com essa aquisição, pois os 9 Contos de reis que possuía mal chegarem para os fundamentos do Hospital.

Estudado o assunto e consultados técnicos a respeito de terrenos pertencentes ao Governo e ao Município, assentou-se em fazer um requerimento pedindo a concessão gratuita de um terreno camarário situado na rua de Gonçalo Cristóvão, adiante do extinto Quartel do Serviço Municipal de Incêndios.

Esse requerimento, porém, fez levantar imensos protestos, precisamente por parte daqueles que pelas suas relações de amizade e política com o Conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga, médico do Hospital, Membro da Comissão Fundadora e figura central da Instituição, mais obrigação tinham de lhe dar o seu incondicional apoio. — E o requerimento foi indeferido!

A Câmara ofereceu, pouco depois, alguns terrenos destinados ao mesmo fim, que não puderam ser aceites, e a Comissão Administrativa continuou a procurar, por toda a cidade, novos terrenos que pudessem servir inteiramente à construção do edifício hospitalar.

Passaram-se mais alguns anos. Dos Membros da Comissão Administrativa uns morreram, outros ausentaram-se e a Comissão teve de ser remodelada em parte, e por fim totalmente.

As suas sucessoras, contudo, não descuraram o grande problema a resolver — a instalação do Hospital em edifício próprio!

A OBRA era de Deus, porque destinada à Caridade cristã, tinha de fazer-se e fez-se; depois de trabalhos sem conta, foi lembrado finalmente um terreno magnífico na

rua da Boavista e com relativa facilidade conseguido para esse fim.

Era o terreno onde se construiu e hoje se ergue o Real Hospital de Crianças de Maria Pia!

A 20 de Maio de 1894 uma Comissão Delegada da benemérita Comissão Zeladora, composta por quatro distintas Senhoras,

D. Eulália Pinto Machado Torres

D. Lúvia Silva Ferreira Braga

D. Elisa Soares de Acedo e

Viscondessa de Vilarinho de S. Romão

procurou a Exma. Senhora D. Emília Cabral Pereira Cardoso, figura respeitável de benemérita, sempre disposta a colaborar em todas as Obras meritórias, e obtendo desta nobilíssima Senhora a promessa, logo cumprida, da concessão gratuita desse terreno, exclusivamente para o fim em vista.

Feita a doação, sem demora foi elaborado o projecto do futuro imóvel pelos Exmos. Snrs. Engenheiros Estêvão Torres e Adriano Sá, verdadeiramente apreciável para a época em que foi construído.

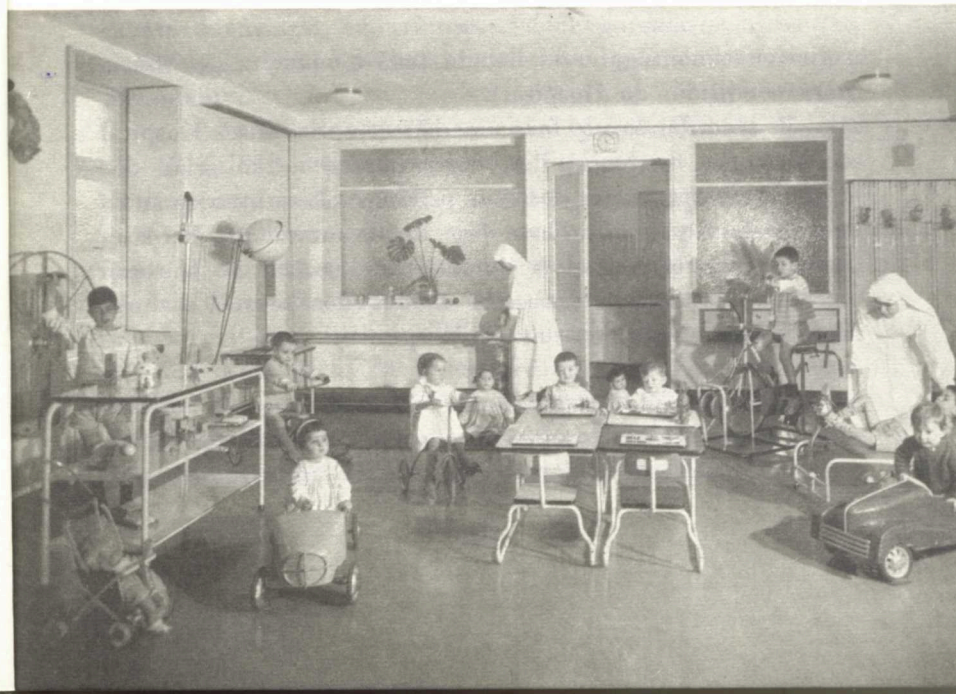
A notícia de que o novo Hospital ia ser levantado naquale local, se encheu de júbilo quase a cidade inteira, não foi bem acolhida pelos moradores e proprietários vizinhos, que logo procuraram obstar à respectiva construção alegando pretextos de vária espécie e chegando mesmo a assinar uma representação contra o projecto do novo Hospital, a qual foi entregue no Governo Civil em 1 de Abril de 1896 e conseguindo a sua publicação num jornal da cidade em 12 daquele mês. Esse projecto não tinha sido ainda entregue à aprovação, sendo esta retardada pelas dificuldades surgidas.

«Tais contratemplos, penosos e ameaçadores, pareciam trazer consigo o espírito de Satanaz. Não houve contrariedades, atritos e obstáculos que não fossem postos à Comissão Administrativa do Hospital, no intuito de lhe embargar o passo e promover o desânimo na construção da sua Obra»!

Mas a «onda» passou; morre o homem mas a Obra fica.

—E o Hospital de Maria Pia havia de ter—e teve—o seu grande Amigo, o seu grande Protector que, como por encanto, fez desaparecer todos os atritos, todas as malquerenças que se tinham levantado para desanimar aqueles que viviam de alma e coração para dotar o Porto com uma Instituição desta natureza.

E assim, em 8 de Junho de 1897 era eleito Presidente da Comissão Administrativa o Conselheiro PEDRO MARIA DA FONSECA ARAÚJO, personalidade ilustre que com o



seu alto prestígio conseguiu vencer todas as dificuldades e canalizar para a OBRA novas colaborações.

E a 27 de Setembro desse mesmo ano era apresentado à aprovação o projecto do novo Hospital!

Porém, só em 1911 o Porto foi dotado com a instalação do novo Hospital de Maria Pia à Rua da Boavista; mas se não fora a inteligência lúcida, sempre ao serviço das causas nobres e a alma generosa, sempre aberta para acudir às desventuras, do Conselheiro Pedro de Araújo, ter-se-iam passado muitos mais anos sem que a planta conseguisse aprovação e se lançassem os alicerces do Hospital.

Aceitando a Presidência, Pedro de Araújo compreendeu e cumpriu religiosamente a sua nobre e espinhosa missão; tendo tomado posse apressou-se a ir a Lisboa imprimir movimento à complicadíssima engrenagem administrativa e desse movimento resultou que a aprovação da referida planta não demorasse mais no Governo Civil do Porto e fosse entregue, pouco tempo depois, à Comissão Administrativa.

O Conselheiro Pedro de Araújo fez mais ainda: solicitou e conseguiu do Estado toda a madeira necessária para o edifício do Hospital!

E recordando, à face da História do Real Hospital de Crianças de Maria Pia, nesta passagem tão grata dos 85 anos da aprovação dos seus primeiros Estatutos, quantos trabalharam para ele nessa fase de levantamento das suas instalações, torna-se dever indeclinável gravar no Coração agradecido «in aeternum» os nomes dos seus 3 maiores Benfeitores até à abertura do Hospital:

D. Emília Cabral Pereira Cardoso
Conselheiro Arnaldo Anselmo Ferreira Braga
Conselheiro Pedro Maria da Fonseca Araújo

O lançamento da Primeira Pedra do novo Hospital realizou-se em 11 de Fevereiro de 1898, com a presença do Conde de S. Miguel, Oficial-mór da Casa Real, na qualidade de representante de Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia; do Presidente da Câmara Municipal e das autoridades civis e militares, figuras representativas e muitas outras pessoas desta cidade, procedendo à bênção da primeira Pedra o Revmo. Cónego Correia Monteiro, como representante de Sua Eminência o Cardeal D. Américo, Bispo do Porto.

A favor destas grandiosas obras contribuíram generosamente vários benfeitores, de entre os quais é justo destacar o Cardeal D. Américo, que para esta Casa ofereceu um lindo Altar que tinha pertencido ao Convento de Avé-Maria (onde hoje está a Estação de S. Bento) e ainda ricas alfaias que se utilizam na Capela privativa do Hospital.

Mercê de muitas dedicações, muita Fé e de muito amor pelas criancinhas, e da grande generosidade de Pedro de Araújo, foi o Hospital vivendo uma vida regular, sendo os seus «deficits» cobertos pela bolsa do seu Presidente.

— As dificuldades financeiras que a Grande Guerra de 1914/1918 causou em toda a Europa não pouparam as Instituições de Caridade, e a situação do nosso Hospital agravou-se de tal forma que a Comissão Administrativa pensou em entregá-lo à Santa Casa da Misericórdia do Porto. Com esse propósito chegaram a entabolar-se negociações, desde 1914 a 1917, mas suspensas por se ter recebido um ofício da Delegação da Cruz Vermelha desta cidade, no qual se salientava a necessidade de montar no Porto um hospital para feridos de guerra no mais curto espaço de tempo e se reconhecia para esse fim, em boas

condições de adaptação, o Real Hospital de Crianças Maria Pia. Era mesmo uma solicitação da Cruz Vermelha que se comprometia a respeitar os Estatutos vigentes do Hospital e continuar, por sua conta, a hospitalizar ali 20 crianças, revertendo a favor da Cruz Vermelha todas as receitas eventuais.

Feita a cedência temporária do Hospital, conforme cláusulas apresentadas pela Comissão Administrativa, ali se instalou, como pedira, a Cruz Vermelha, no dia 1 de Julho de 1917.

Mas logo a 3 de Março de 1918 a Comissão Administrativa oficiou à Cruz Vermelha, rescindindo o contrato e solicitando o pagamento das mensalidades em dívida desde Outubro. E em 18 de Março reunia a Comissão Administrativa na Rua do Infante D. Henrique n.º 28, por o não poder fazer na sua sede, visto ela estar na posse do General da Divisão, ou melhor, do Hospital Militar do Porto para instalação do «Hospital Militar dos Tifosos», pois o ano de 1918 foi o das epidemias do tifo exantemático e da gripe pneumónica.

Caducado assim o contrato com a Cruz Vermelha o nosso Hospital continuou mobilizado pelo Ministério da Guerra até Dezembro de 1924.

Em 20 de Setembro desse ano reuniu-se a Comissão Administrativa, agora sob a presidência do Dr. Adriano Pereira da Silva – por ter já falecido o Conselheiro Pedro de Araújo – visto ter sido informada de que o edifício lhe ia ser entregue por já estarem completamente prontas as instalações do Hospital Militar.

Feita uma Assembleia Geral para a eleição dos novos Corpos Gerentes, em 23 do referido mês de Setembro, nomearam-se dois Membros da Comissão para receberem o Hospital. Tomou-se também conhecimento de que o

saudoso e inesquecível Conselheiro Pedro de Araújo havia contemplado, no seu testamento, este Hospital a que muito queria. E seu filho, Pedro de Araújo Júnior, informado pelo Snr. Prof. Doutor Almeida Garrett...

«... do estado precário do Hospital e ainda das grandes dificuldades em que se encontrava a sua Comissão Administrativa, por sugestão daquele Médico prometeu o seu auxilio, facto que a Comissão registou jubilosamente».

Foi então o Rev. Pe. Artur Aurélio Pinheiro encarregado de organizar uma lista para a nova Comissão Administrativa, tendo Pedro de Araújo Júnior manifestado o maior desejo de que nessa lista entrasse o referido eclesiástico.

Aprovada a nova Comissão Administrativa, com Pedro de Araújo Júnior na presidência, esta tomou posse no dia 28 de Setembro de 1924 na Rua de Belomonte n.º 49. Depois de empossada a nova Comissão Administrativa foi-lhe entregue o edifício do nosso Hospital por parte do Hospital Militar.

A Comissão Administrativa voltou a reunir-se em 30 de Outubro seguinte, já na sua sede, e depois de uma visita ao Hospital...

« Constatou magoada os grandes estragos que ele sofrera, ao ponto de se encontrar num estado deplorável que causa dó e repulsa ».

O senhor Presidente prometeu então fazer as reparações e demais obras à sua custa, atitude que sensibilizou profundamente todos os seus colegas, não tardando que esse gesto-promessa se transformasse em realidade, beneficiando grandemente a Instituição.

Essas obras começaram sem delongas e em 26 de Fevereiro de 1925 a Comissão inteirava-se, cheia de contentamento, da sua próxima conclusão.

É interessante transcreverem-se aqui algumas passagens da acta da sessão de 30 de Abril desse ano, no dealbar de nova era para a vida do nosso Hospital e pelo que elas nos demonstram da sua estrutura e dedicações que a alicerçavam:

– «Presentes todos os membros da nova Comissão Administrativa, senhores

Presidente – *Pedro de Araújo Júnior*

Secretário – *Luís Augusto Rib. Vieira de Castro*

Tesoureiro – *César Augusto Félix*

Vogal – *Rev. Artur Aurélio Pinheiro*

» – *Dr. António Vasco Rebelo Valente*

– *Aberta a sessão foi lido um ofício do Administrador do Bairro Ocidental, datado de 20 de Abril, mandando eliminar do frontispício do Hospital o título de REAL no prazo de 8 dias, o que encheu de desgosto toda a Comissão. Esta ordem foi cumprida dolorosamente pois o título era um símbolo de gratidão ao Chefe de Estado que lhe prestou altas benemerências.*

– *Visto acharem-se concluídas as obras, resolveu-se proceder à reabertura do Hospital em 5 do próximo mês de Maio, pelas 13 horas, convidando-se as autoridades civis e militares e pedindo-se ao Prelado da Diocese para celebrar Missa na Capela às 10 horas da manhã, para assim se comemorar a abertura com toda a solenidade.*

– *A seguir fez-se a nomeação do pessoal a contratar, havendo-se procedido ao escrutínio secreto para confirmação das seguintes nomeações:*

Cartório – *Jerónimo José da Fonseca*

Enfermeira – *D. Isabel dos Milagres*

Vice- » – *D. Pulquéria Ferreira*

Ajudante – *Conceição Amorim*
» – *Joana Barreto*
» – *Isabel Dias*
Servente – *Francisca Tavares*
» – *Silvina Brás*
» – *Maria do Céu Martins*
Porteiro – *Cândido Vieira*



– *Procedeu-se seguidamente à organização do*

CORPO CLÍNICO DO HOSPITAL

Director Clínico – *Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas*
Sub- » » – *Dr. Tiago de Almeida*
Director da Cirurgia – *Dr. Almeida Garrett, efectivo e*
– *Dr. Laurindo de Faria*
Director da Medicina – *Dr. Rodrigo Guimarães, efectivo e*
– *Dr. António Maria de Carvalho*

ESPECIALISTAS

Vias urinárias – *Dr. Óscar Moreno*
Dermatologia – *Dr. Luís Viegas*
Oftalmologia – *DR. CASTRO SILVA (actual)*
Electroterapia – *Dr. Carteador Mena*
Ortopedia – *Dr. Sousa Feiteira*
Curioterapia – *Dr. José Domingos de Oliveira*
Otorinolaringologia – *Dr. António Rodrigues Pereira*
Operador – *Dr. Álvaro Teixeira Bastos*
» – *Dr. Pedro Guimarães*
» – *Dr. Couto Soares*

CLÍNICOS

Dr. Lourenço Gomes

Dr. Adriano Fontes

Dr. Ângelo Vaz

Dr. António Júlio Pinto Vilela

Dr. António Moreno

DR. FONSECA E CASTRO (actual Director Clínico)

Dr. João Lourenço da Fonseca

Dr. Fernando Macedo Chaves

Dr. Lopes Júnior

Dr. Sousa Soares

Dr. Mário de Castro (filho)

Dr. Corte-Real (sobrinho)

Dr. Manuel Correia de Carvalho

Dr. José Rodrigues de Carvalho

— Atendendo a que foram os Médicos homoeopatas os fundadores deste Hospital resolveu-se por unanimidade dividir em DUAS SECÇÕES os Serviços Clínicos,, assim designados: «MÉDICA e CIRÚRGICA», ficando a primeira a cargo Homoeopatas.

— Também se resolveu convocar para o dia 7 de Maio próximo, pelas 13 horas, a Assembleia Geral, para modificação dos ESTATUTOS por que esta Instituição se tem regido e que, por determinação superior precisam de ser harmonizados com a Lei de Separação».

Reformados mais uma vez os Estatutos, introduziram-se-lhe as alterações que o tempo e as necessidades aconselhavam, tendo estes sido aprovados em 9 de Março de 1926.

Com referência à reabertura do nosso Hospital, anunciada na acta atrás transcrita, anotou-se...

... «e com elevada concorrência de pessoas representativas e categorizadas no meio portuense, reabriu o Hospital de Maria Pia no dia 5 de Maio de 1925, pelas 13 horas, depois de na sua Capela privativa ter celebrado Missa de acção de graças o venerando Bispo do Porto, Excelência Reverendíssima D. António Barbosa Leão, que proferiu um belo discurso que deixou emocionados todos os assistentes». (faleceu em Junho de 1929).

Na sessão de 25 de Março de 1926 foi anunciada a doença grave do seu Presidente, senhor Pedro de Araújo Júnior e formulados os mais sinceros votos pelas suas melhoras; e o falecimento de seu irmão, senhor Eugénio de Araújo, sendo exarado um voto de pesar na acta. À sessão de 22 de Abril presidiu pela primeira vez o vice-Presidente em exercício, Snr. Carlos Guerreiro. (Faleceu em Maio de 1928)

A 26 de Agosto o Snr. Presidente anunciava que «...o aparelho de Raios Ultra-Violeta já estava a funcionar no Hospital, grande melhoramento para a saúde dos doentinhos, o que por todos foi festejado com o maior júbilo, e a 30 de Dezembro desse mesmo ano era lida na reunião uma carta do Exmo. Snr. Dr. Rodrigo Guimarães —o último em actividade dos fundadores do nosso Hospital— pedindo escusa de médico do Hospital motivado pelo seu precário estado de saúde e manifestando o desejo de ser inscrito como sócio Contribuinte»; Foi nomeado Clínico Honorário.

Quando esta Comissão Administrativa tomou posse, logo pensou na melhor maneira de conseguir pessoal competente para os serviços hospitalares. E como as Missionárias de Maria estavam autorizadas pelo Governo a fundar no Porto um Colégio Missionário, e sabendo-se das

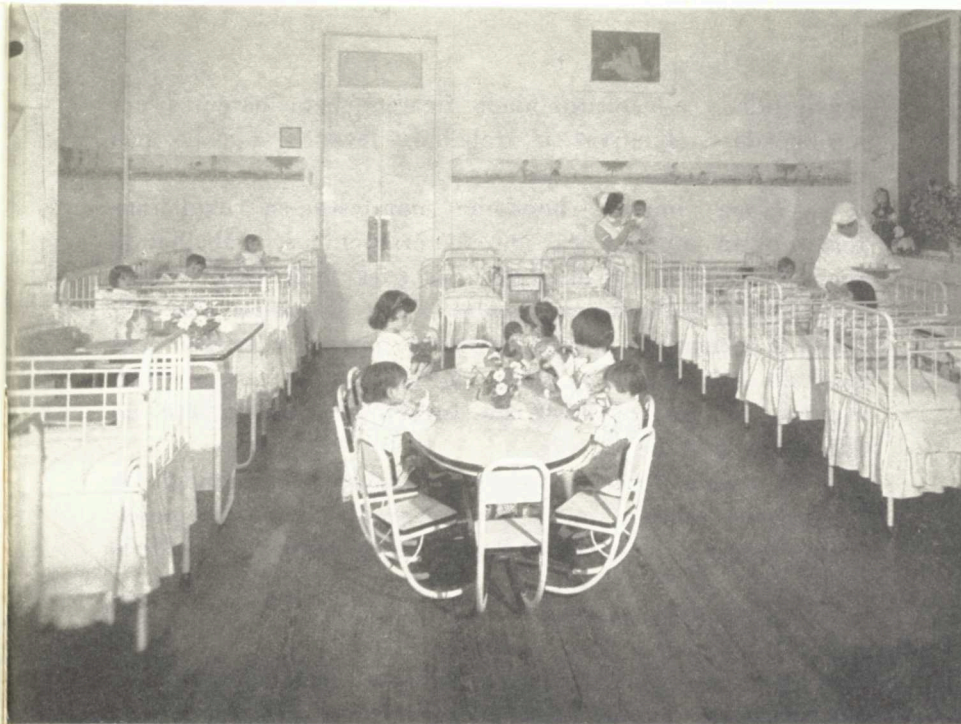
enormes dificuldades que elas tinham em encontrar Casa apropriada, resolveu a Comissão Administrativa, por intermédio do seu colega, Rev. Pe. Artur Aurélio Pinheiro (depois de consultado o Excelentíssimo Senhor Bispo do Porto) propor a essas beneméritas Missionárias o seu alojamento no Hospital, que para isso tinha já cómodos suficientes onde elas poderiam realizar uma verdadeira Obra de Caridade. O convite foi aceite e as bondozíssimas Senhoras têm realizado aqui um magnífico apostolado a longo de todos estes anos passados.

Grato nos é recordar também, nesta hora de justo preito à memória de quantos amaram e ajudaram o nosso Hospital e as suas criancinhas, essa extraordinária Alma da Mulher Portuguesa e coração de ouro que se chamou D. Ana José da Costa, que no período mais crítico e ameaçador para a vida financeira da nossa Instituição, presidiu a uma Comissão de Senhoras de espírito gentilíssimo e fizeram que muitas outras se viessem inscrever como Sócias beneméritas do Hospital. Todas elas...

«visitando o Hospital e as suas criancinhas e auscultando-as de perto, logo ficaram presas da sua ternura e largo alcance social».

Tomando, por assim dizer, sob a sua protecção as necessidades económicas mais instantes, elas foram durante muito tempo um verdadeiro sustentáculo desta Obra, conseguindo para o Hospital donativos, promovendo festas de beneficência e apontado a sua atenção à nossa Instituição, única no género em Portugal, como um dos grandes deveres que cumpre observar.

A homenagem do nosso Hospital à memória dessa excelsa Senhora, ficou a perpetuar-se desde 1966 num busto descerrado na Delegação da Cruz Vermelha no



Porto, e oferecido pelo nosso Hospital. A iniciativa da angariação do seu custo ficou-se devendo ao então Secretário da Comissão Administrativa desde há muitos anos, o nosso sempre saudoso Amigo Senhor António Pinto Machado.

E ao referirmos o nome de António Augusto Pinto Machado ainda aflora aos nossos corações a saudade e o pesar pela perda desse bom Amigo e extraordinário colega de tantos anos, falecido em 18-11-1965.

Tendo tomado posse de Membro da Comissão Administrativa em 1 de Julho de 1931, foi durante mais de 34 anos um dos elementos mais activos e dedicados que por este Hospital têm passado.

O seu talento, o seu poder de realização a sua

sensibilidade e espiritualidade ficaram bem patentes em muitas das iniciativas e trabalhos levados a cabo nos últimos 30 anos.

A sua imensa bondade manifestou-se exuberantemente no amor e carinho às criancinhas, trabalhando incansavelmente e valendo-se das suas inúmeras relações e amizades, para lhes aumentar o seu bem estar. Notável poeta e jornalista, muitos foram os poemas e artigos com que no seu estilo próprio, enriqueceu as nossas datas festivas ou fez publicar em Jornais, nomeadamente no Jornal de Notícias.

E muitas foram também as ajudas conseguidas de organismos oficiais ou de Benemerência para o reequipamento dos serviços especializados desta Obra de Caridade

PAZ À SUA ALMA!

Dos acontecimentos mais recentes — cuja História não nos compete exaltar — entendemos dever de consciência citar alguns dos factos e ajudas mais salientes, que muito têm contribuído e justificam a expansão e desenvolvimento do nosso Hospital e da sua Obra de assistência nas últimas décadas.

Disso nos dão testemunho os números bem elucidativos do Mapa que a seguir pode apreciar-se, da progressiva evolução dos serviços « EXTERNOS e INTERNOS » prestados no nosso Hospital nos últimos 20 anos, alguns dos quais aumentaram 10 e 20 vezes!

ASSOCIAÇÃO DO HOSPITAL DE CRIANÇAS MARIA PIA

SERVIÇOS EXTERNOS

| | | | | | |
|---|-------|--------|--------|-----------|--------|
| Consultas | 1 945 | 1 950 | 1 955 | 1 960 | 1 965 |
| Tratamentos diversos. | 7 829 | 17 233 | 28 390 | 49 273 | 51 698 |
| Operações « pequena cirurgia ». | 6 726 | 20 241 | 41 919 | 55 543 | 71 306 |
| Exames de Raios X | 59 | 291 | 618 | 1 020 | 1 449 |
| Análises no laboratório privativo | — | 850 | 864 | 2 622 | 3 482 |
| | — | — | — | 7 102 (x) | 10 630 |

SERVIÇOS INTERNOS

| | | | | | |
|---|--------|--------|--------|------------|---------|
| Doentes internados | 459 | 568 | 787 | 1 254 | 1 537 |
| Tratamentos diversos. | 31 426 | 44 173 | 56 357 | 79 513 | 185 976 |
| Transfusões | — | — | — | 1 269 (xx) | 2 049 |
| Operações « grande cirurgia » | 10 | 50 | 551 | 583 | 731 |

(x) *Análises* . . . — Estes Serviços só começaram a funcionar no ano de 1957, com a seguinte progressão:

| | | |
|--------------|--------------|--------------|
| 1 957 | 1 958 | 1 959 |
| <u>2 614</u> | <u>5 914</u> | <u>6 396</u> |

(xx) *Transfusões* — Estes tratamentos só começaram a funcionar em serviço próprio no ano de 1957, com a seguinte progressão:

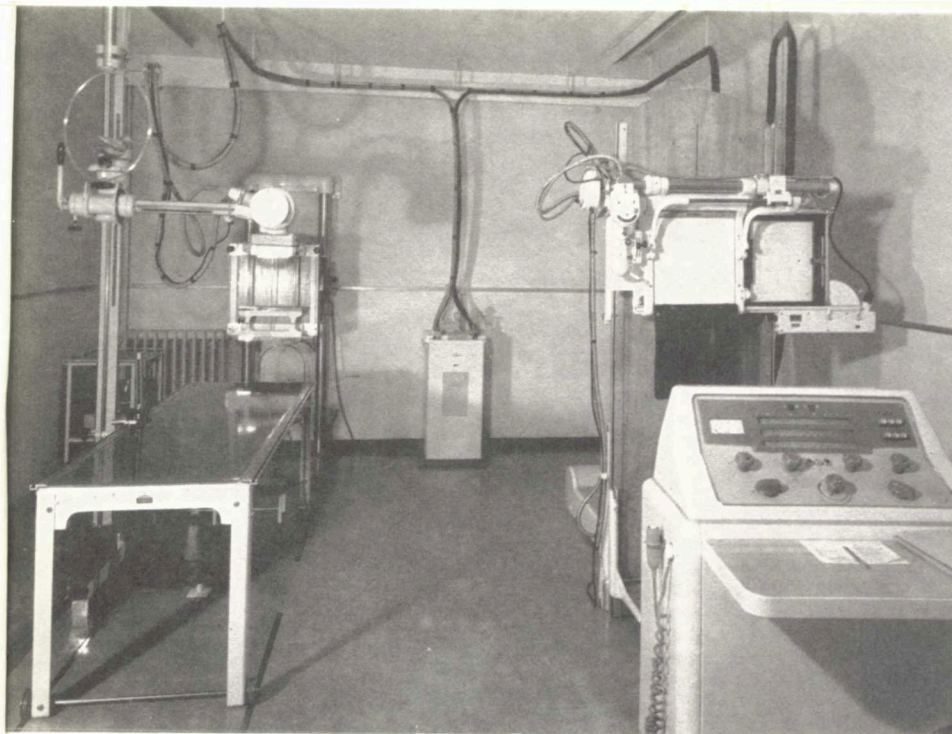
| | | |
|------------|--------------|--------------|
| 1 957 | 1 958 | 1 959 |
| <u>472</u> | <u>1 208</u> | <u>1 677</u> |

Este milagre só foi possível com a valiosa ajuda prestada, à dedicação e devoção de alguns dos Membros das Comissões Administrativas por grandes Benfeitores e pela reorganização que o actual sistema governativo da Nação introduziu na assistência oficial e particular, quer concedendo-nos subsídios mais substanciais, quer ainda retribuindo – embora modestamente – os nossos serviços hospitalares às criancinhas vindas através das Câmaras Municipais do Norte do País.

Desses grandes Benfeitores é justo destacar-se a valiosa herança legada pela Senhora Condessa de S. Tiago de Lobão e com a qual foi possível fazerem-se algumas obras de ampliação do edifício, para aumento do número de camas para internados, novos consultórios, lavandaria e respectivas máquinas, aparelho de Raio X, ascensor, lâmpadas para a Sala de Operações e novos quartos de banho. Foi, realmente, um precioso e grande impulso que essa Excelentíssima Senhora nos veio possibilitar com o seu coração magnânimo e que fica escrito com letras de ouro no historial da Associação do Hospital de Crianças de Maria Pia.

Igualmente é de inteira justiça destacar a compreensão e colaboração que nos tem prestado a benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, no valor de largas centenas de Contos, para a compra de caríssima aparelhagem do Laboratório, melhoramentos nos Serviços de Raio X e Recuperação Funcional, bem como o mobiliário para os Consultórios.

Foi-nos particularmente grata a visita feita ao nosso Hospital pelo Ilustre presidente dessa benemérita Instituição, Exmo. Senhor Dr. José de Azeredo Perdigão que, acompanhado de S. Exma. Esposa se dignou inaugurar o Centro de Recuperação Funcional e o Laboratório que nunca



poderiam ter sido instalados sem a valiosa contribuição daquela Fundação.

E na impossibilidade de citarmos tantos outros Beneméritos generosos que com as suas dádivas e palavras de incitamento nos têm animado e apoiado nas dificuldades – a que a nossa ânsia de não parar enquanto houver criancinhas à espera de vez para serem internadas, com prejuízo da própria vida ou da sua recuperação completa – para esses, só nos é possível recomendá-los ao Senhor para que os cumule de bênçãos e consolações e aos seus entes queridos.

BEM HAJAM!



Por outro lado e perante o elevado número de crianças em idade escolar, que a sua doença obriga a uma prolongada permanência nas nossas enfermarias, diligenciou a Comissão Administrativa obter a necessária autorização para a criação de um Posto Escolar, no próprio edifício do Hospital, onde pudesse ser ministrado o ensino próprio dessas crianças.

Formulado esse pedido foi ele prontamente deferido pelo então Subsecretário de Estado da Educação Nacional, Exmo. Senhor Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, a quem a nossa Instituição ficou também a dever um preito de gratidão que nos apraz salientar neste momento.

Para se avaliar do bom nível de aproveitamento do ensino aqui ministrado bastará dizer-se que no último ano lectivo se matricularam 21 alunos em idade própria e

Atividade
com Alunos



Caligrafia

A vida no campo

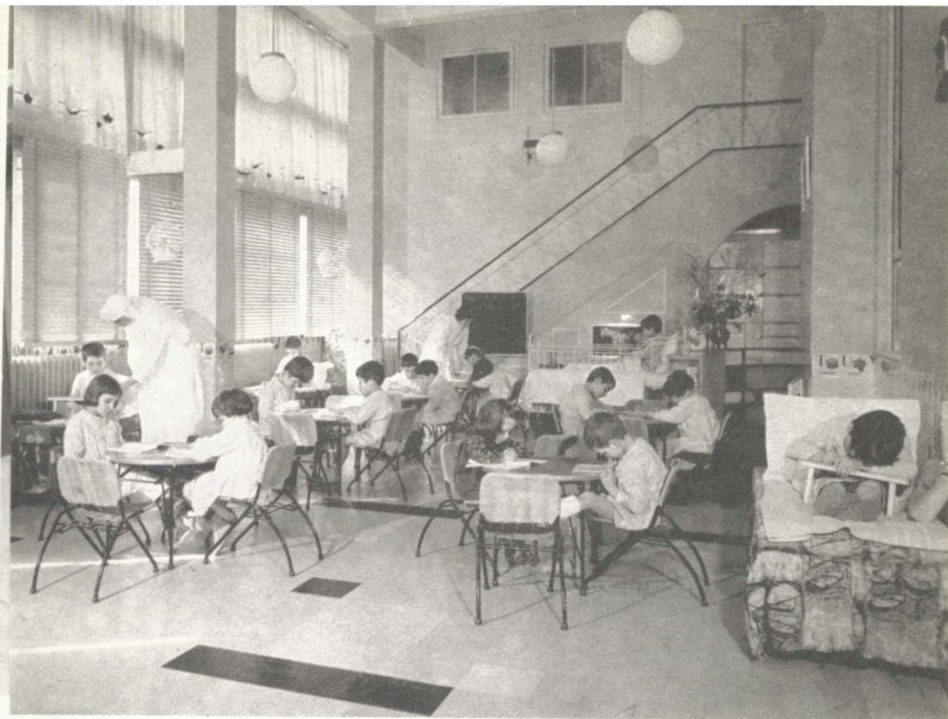
O Manuel António desde pequenino começou a gostar da vida no campo. Ainda no berço muitas vezes adormeceu à sombra das árvores, acudado pelo canto dos passarinhos, enquanto a mãe lidava no amadurecimento da terra.

Mais tarde quando já andava na escola, aproveitava as horas livres para fazer companhia ao pai e ajudá-lo nas fainas da lavoura. De caminho, ia para o pasto com cordeiros que o padrinho lhe dera de presente no dia dos (seus) seus anos.

Luís Miguel
Antunes e Barques

Porto, 30 de junho de 1965

Luís Miguel Antunes e Barques



foram levados a exame 15, ficando todos aprovados: quatro da 1.^a classe, cinco da 2.^a, e seis da 3.^a. — Se houver em conta que das 172 crianças internadas — desde recém-nascidas até ao limite de 10 anos — apenas uns escassos 20% têm mais de 6 anos ou permanecem hospitalizadas por tempo que justifica o ensino escolar, poderá ajuizar-se da elevada percentagem dos que aproveitam deste benefício da instrução numa fase dolorosa da sua vida, que mais agravada seria com tal atraso na sua preparação intelectual para o seu futuro.

Ir à Escola, é também para os pequenos doentinhos motivo de grande alegria. Como durante o dia têm de permanecer na sua enfermaria, a Escola representa para eles uma espécie de válvula de escape, muito agradável ao seu espírito naturalmente buliçoso.

Mas como não há «rosas sem espinhos», todo esse progresso e aumento que nos mostra o expressivo Mapa atrás apresentado, só tem sido possível com uma super-lotação das instalações existentes e do sacrifício de todos quantos trabalham no nosso Hospital: Rvmãs, Madres, Irmãs, Médicos e pessoal menor, e cujo número, só por si, nos esclarece perfeitamente:

IRMÃS

| | | |
|--|-----------|----|
| — Enfermeiras de Curso Geral | 9 | |
| — » » » Auxiliar | 16 | |
| — Serviços domésticos | <u>10</u> | 35 |

LAICAS

| | | |
|---------------------------------------|-----------|----|
| — Enfermeiras | 3 | |
| — Empregadas das enfermarias. | 20 | |
| » nos serviços domésticos | <u>15</u> | 38 |

MÉDICOS

| | | |
|--|----------|---|
| — Presidente da Direcção Clínica. | 1 | |
| — Director dos Serviços de MEDICINA. | 1 | |
| — » » » » CIRURGIA. | <u>1</u> | 3 |

MEDICINA Pediátrica

| | | |
|--|----------|----|
| — Directores dos vários Serviços | 9 | |
| — 1. ^{os} Assistentes | 8 | |
| — 2. ^{os} » | <u>3</u> | 20 |

CIRURGIA Pediátrica

| | | |
|--|----------|----|
| — Directores dos vários Serviços | 8 | |
| — 1. ^{os} Assistentes | 5 | |
| — 2. ^{os} » | <u>4</u> | 17 |

COMUNS aos dois SERVIÇOS

| | |
|--|-------------|
| — Directores dos vários Serviços | 5 |
| — 1.º Assistentes | 3 |
| — 2.º » | <u>2</u> 10 |

Médicos VOLUNTÁRIOS e ESTAGIÁRIOS

| | |
|------------------------------------|-------------|
| — Em Medicina Pediátrica | 23 |
| — Em Cirurgia » | <u>2</u> 25 |

Como no nosso Hospital só podem ser atendidas as crianças desde recém-nascidas até aos 10 anos, é fácil calcular das necessidades de pessoal para as servir e tratar. Nada fazem por suas mãos, nem mesmo o comer: e a assistência e cuidados são maiores do que com os adultos. Isto explica o número de pessoas ocupadas nas enfermarias (48) e das necessárias aos trabalhos domésticos (desde a cozinha, lavandaria, rouparia, costura, dispensa, limpezas, etc). — (25) acima descritas, num total de 73!

Quanto ao número de Médicos em serviço, adiante se desenvolverá, em Quadro especial, os ocupados nas Secções de MEDICINA e de CIRURGIA, tal como se fez na página n.º 21 aos nomeados para a reabertura do Hospital em 1925, há precisamente 42 anos.

CORPO CLÍNICO em actividade em Janeiro de 1967

Presidente da Direcção Clínica — *Prof. Doutor Fonseca e Castro*

Director dos Serviços de Medicina — *Dr. António Alberto Crucho Dias*

Director dos Serviços de Cirurgia — *Dr. Américo Marques da Silva Rola*

MEDICINA Pediátrica

Serviço A

- Director . . . Dr. António Alberto Crucho Dias
- 1.º Assistente. Dr. Adriano Silva Pereira
- 2.º » Dr. Afonso Morais Santos

Serviço B

- Director . . . Dr. Américo Marques Silva Rola
- 1.º Assistente. Dr. Carlos Reboredo
- 2.º » Dr. Baltazar Valente

Serviço C

- Director . . . Dr. Carlos Cidrais Rodrigues
- 1.º Assistente. Dr. José Carneiro de Barros
- 2.º » Dr.

Serviço D

- Director . . . Dr. António Ferreira Leite
- 1.º Assistente. Dr. Carlos de Pinho Grijó
- 2.º » Dr.

Serviço E

- Director . . . Dr. João Lourenço da Fonseca
- 1.º Assistente. Dr. José dos Santos Brito
- 2.º » Dr.ª D. Hermenegilda Costa Tinoco

CIRURGIA Pediátrica

Serviço A

- Director . . . Dr. José Cardoso da Rocha
- 1.º Assistente. Dr. António Teixeira Canedo
- 2.º » Dr. José Branco Neves

ESPECIALIDADES

ORTOPEDIA

— Director de Serviço: *Prof. Doutor Carlos Lima*

Secção A

- Director . . . Dr. Artur Corte Real
- 1.º Assistente. Dr. José Augusto Mesquita Montes
- 2.º » Dr.

Secção B

- Director . . . Dr. José de Oliveira
- 1.º Assistente. Dr. João Manuel Espregueira Mendes
- 2.º » Dr. Luís de Almeida

OTORRINOLARINGOLOGIA

- Director . . . Dr. Afonso Ferreira da Costa
- 1.º Assistente. Dr. João Damas
- 2.º » Dr. Alberto Sampaio

OFTALMOLOGIA

- Director honorário . . . Dr. José Castro Silva
- Director do Serviço . . . Dr. José Moreira Monteiro
- 1.º Assistente . . . Dr. Pedro de Castro Silva
- 2.º » . . . Dr. José Manuel Leal Seruca

ESTOMATOLOGIA

- Director . . . Dr. Francisco Figueira
- 1.º Assistente. Dr. Licínio Cardoso
- 2.º » Dr.

ENDOCRINOLOGIA

- Director . . . Doutor Manuel Pinheiro Hargreaves
- 1.º Assistente. Dr.

DERMATOLOGIA

- Director . . . Doutor Aureliano da Fonseca
- 1.º Assistente. Dr.

CARDIOLOGIA Cirúrgica

- Director . . . Dr. António Maria Tenreiro

CARDIOLOGIA Médica

- Director . . . Dr. Álvaro Lopes Pimenta

NEURO-CIRURGIA

- Director . . . Dr. Rocha Melo
- 1.º Assistente. Dr.

UROLOGIA

- Director honorário . . . Prof. Doutor João Costa
- Director do Serviço . . . Dr. Alberto Araújo Milheiro
- 1.º Assistente . . . Dr. César Ferreira Reis
- 2.º « . . . Dr. Álvaro Ferreira da Costa

COMUNS às duas SECÇÕES de MEDICINA e CIRURGIA

ANESTESIOLOGIA

- Director honorário . . . Dr. Ruela Torres
- Director do Serviço . . . Dr. Raúl Nasc. da Fonseca
- 1.º Assistente . . . Dr.ª D. Aurora Sequeira
- 2.º » . . . Dr.ª D. Olga Maria Botelho

RECUPERAÇÃO FUNCIONAL

- Director . . . Dr. Mário Trêpa
- Assistente . . . Dr.

ANÁLISES ANATOMO-PATOLÓGICAS

- Director . . . Dr. Joaquim P. Guedes e
Dr. Rogério Gonzaga

BANCO DE SANGUE

— Director . . . Dr. José Barroso

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

— Director . . . Dr. Vaz Osório

— 1.º Assistente. Dr. Paula Santos

— 2.º » Dr.ª D. Maria Rita Azeredo

RADIOLOGIA

— Director . . . Dr. José de Almeida Campos

— 1.º Assistente. Dr. António de Almeida Campos

— 2.º » Dr.

As 172 camas existentes neste momento são há muito tempo penosamente insuficientes, obrigando os dedicadíssimos Médicos a ir aplicando tratamentos de recurso aos doentinhos que são forçados a esperar vez de internamento, o que muito nos aflige também por reconhecermos os inconvenientes ou prejuízos para a sua saúde e não podermos fazer mais e melhor.

Esta situação tem-nos levado a pensar na única solução viável deste magno problema — a construção de um novo e mais apropriado edifício para as necessidades actuais; com maior capacidade não só para camas como para os diversos serviços e mais funcional e compatível com as presentes exigências de uma Instituição desta natureza. Onde os esforços de todos os que trabalham nesta Obra de Amor e Caridade possam ser melhor aproveitados em prol da saúde dos que a nós recorrem e nos são confiados.

Todos os nossos Serviços estão acanhados nas suas instalações, devido à preocupação que tem havido no aproveitamento máximo do espaço para socorrer o maior

número de doentinhos e conseqüente aglomeração nas secções adstritas.

Os próprios Serviços de Recuperação dos atingidos com a paralisia infantil e outras enfermidades, e onde já temos uma moderna e apropriada aparelhagem, está deficientemente instalada embora com aquele mínimo de ar e luz indispensáveis.

Mas falta-nos terreno para outras ampliações... e até para um necessário relvado ao ar livre onde esses doentinhos e outros em vias de convalescença pudessem exercitar-se melhor e mais eficazmente!

Eis, portanto, a razão do nosso grande sonho de mudar para melhores e mais amplas instalações e, como acima dizemos, há muito vimos pensando como se conseguir o MILAGRE!

Com este pensamento e animados pelo realismo desse doloroso quadro que todos os dias se nos depara, chegamos à conclusão de que a «chave» da solução estaria em conseguir-se um terreno com 10 a 12.000 m².

Estamos certos de, conseguido isso, poder contar com o espírito altruísta e caridoso da boa gente do Porto, e de todos os Concelhos a quem servimos — recebendo e tratando as suas criancinhas —, com a ajuda oficial do Estado e da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, sempre disposta a colaborar em Obras sérias e de elevado espírito intelectual, moral ou de beneficência.

E confiando tão grande tarefa ao Padroeiro São José, escolhemos o dia 19 de Março de 1965 para escrever a uma distinta e bondosa Família desta cidade, composta de 3 Irmãos, expondo-lhe o nosso grave problema na sua expressiva e dolorosa verdade e pedindo-lhe a oferta de um dos vários terrenos de que são proprietários. Bem sabíamos que o nosso pedido era demasiado audacioso,

pois envolvia uma dádiva no valor de alguns milhares de Contos; mas confiados em S. José e fortalecidos pelo coração no amor às CRIANCINHAS POBRES e DOENTES (pensamento dos Fundadores do nosso Hospital), ficamos aguardando...

A um longo silêncio que se seguiu ao nosso apelo, e que se justificava dada a importância e o estudo a que obrigava da parte dessa Exma. Família, veio a almejada chamada para um encontro e a explicação directa das possibilidades de nos atenderem.

Poderiam oferecer-nos um terreno, com cerca de 12.000 m², na zona de Vale Formoso, já incluído no Plano Director da Urbanização, mas a localização do Hospital naquela zona só da Exma. Câmara Municipal do Porto estaria dependente.

Foi com o espírito em alvoroço que elevamos o nosso pensamento a S. José, perante tão esperançosa notícia e logo começamos as nossas diligências e nos dirigimos a quem julgávamos poder esclarecer-nos sobre a viabilidade da realização do nosso grande Sonho, tornando-o realidade: a sua Excelência o Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto.

Recebeu-nos e ouviu-nos sua Exa. da forma mais compreensiva e logo nos prometeu ir informar-se do estudo da nossa pretensão, manifestando-nos ao mesmo tempo toda a sua ternura e apreço por esta grande Obra de assistência e amor aos pequeninos doentes.

Ainda ignoramos, neste momento, o desfecho de tão transcendente como auspiciosa esperança de virmos a ter em breve um novo HOSPITAL modelo, para acudir ao maior número possível de doentinhos que a nós recorram, mas se o viermos a saber antes do fecho deste Opúsculo, gostosamente o anunciaremos pois seria encerrar com

CHAVE d'OURO estas comemorações dos 85 anos dos nossos primeiros Estatutos.

DISTRIBUIÇÃO DAS 172 CAMAS EXISTENTES

CIRURGIA

| | |
|----------------------------|--------------|
| Rapazes | 24 |
| Raparigas | 30 |
| Sala de operados | <u>33</u> 87 |

MEDICINA

| | |
|------------------------------|---------------|
| Rapazes e Raparigas. | <u>85</u> 172 |
|------------------------------|---------------|

Descriminação das camas de CIRURGIA

| | Rapazes | Raparigas | |
|----------------------------------|-----------|-----------|------|
| Ortopedia | 14 | 14 | |
| Otorrinolaringologia. | 3 | 4 | |
| Oftalmologia | 2 | 2 | |
| Neurologia | 1 | 2 | |
| Urologia | 1 | 1 | |
| Cirurgia Geral | 4 | 6 | |
| Sala de operados (rapar. e rap.) | <u>33</u> | <u>29</u> | = 87 |
| | 25 | 33 | |

Forçados pela necessidade de abreviar o socorro às criancinhas que aguardam vez para serem operadas pelo Serviço de Otorrinolaringologia, também estão, por vezes, mais 4 camas em outras dependências, fora das enfermarias, ao dispor desse Serviço.

Qualquer leitor que se dê ao cuidado de apreciar o Mapa dos Serviços Internos e Externos na página n.º 27 e que nos mostra o progressivo desenvolvimento da assistência prestada anualmente pelo Hospital de Crianças

Maria Pia, comparando-o com a discriminação acima das camas existentes para os vários Serviços, fãcilmente poderã ajuizar da insuficiãcia daquelas e do Milagre que representa o elevado nũmero de doentinhos assistidos.

Para que se possa fazer uma pãlida ideia das necessidades, bastarã dizer-se que a Secãõ de MEDICINA, que dispõ de 85 camas, precisaria de umas 150 para corresponder à caridade de internamento dos inũmeros doentinhos que regressam às suas casas apõs a consulta mãdica, muitos dos quais definhados por deficiãcias fãsicas de vãrias causas e que muito mais aproveitariam se os pudãssemos receber; deixã-los voltar para suas casas, embora medicados e devidamente aconselhadas as Mães sobre regime alimentar e tratamentos a promover, é limitar o sucesso de cura e recuperaãõ!

Porã, em idãnticas ou piores condiãões estão os Serviãos da Secãõ de CIRURGIA, como poderã ajuizar-se pelo depoimento recente do Director de um desses Serviãos, num apelo que antecipadamente sabia não lhe podermos corresponder nas actuais instalaãões; mas que testemunha inteiramente a nossa ânsia de valermos a muitos mais doentinhos num maior e mais adequado Hospital, para as necessidades presentes:

« Desde 1935 temos notado uma crescente afluãcia de doentes para o Serviãõ de Cirurgia e a tal ponto cruciante que na tentativa, quase desesperada, mas a todos os tãtulos verdadeiramente humana, para ver se conseguimos minorar tanto sofrimento e diminuir uma extensa inscriãõ de doentes que tem de aguardar vez de internamento – dada a falta de camas – somos forãados a operar e a dar alta hospitalar imediata, a um grande nũmero desses doentinhos.

Isto, naturalmente, traz 3 consequãcias graves: Uma,

é o restabelecimento do cãclo vicioso, porque os doentinhos voltam assim à Consulta externa do Serviãõ, para vigilãcia post-operatãria, retirar pontos, etc. aumentando o caudal de doentes na Consulta externa que dispõ de mais exãguas condiãões; outra, é a não observãcia hospitalar especializada desses doentes que deveriam seguir o seu normal post-operatãrio internados, o tempo necessãrio, pois em suas casas, dado o nãvel daqueles que a nõs recorrem quantas vezes nos poderã comprometer o êxito de tanto do nosso trabalho nessas intervenãões cirũrgicas; e a terceira, quiããs a mais importante, é que muitos desses doentinhos, mesmo assim, tãm de aguardar forãosamente a vez de internamento com os graves inconvenientes – algumas vezes irreparãveis – da perda da õptima oportunidade cirũrgica «standard» das suas malformaãões congãnitas.

– Mas como acudir a tantos e tantos que de todos os lados acorrem à acolhedora protecãõ do Hospital de Maria Pia, com a convicãõ, quase fanãticamente enraizada, de que sõ aqui seus filhos são carinhosamente bem tratados!

Jã que felizmente, dispomos de pessoal mãdico e de enfermagem verdadeiramente capaz, uma premente necessidade é evidente para mantermos o elevado nãvel tãcnico e assistãncial que conseguimos: quadruplicar o nũmero das escassas trãs dezenas de camas de que dispomos no nosso Serviãõ de Cirurgia pediãtrica distribuindo-as por uma secãõ de recãem-nascidos e lactentes; por uma secãõ de 1.ª e 2.ª infãncia e por outra de maiores prã-pubertãrios, dos 10 aos 14 anos, para aqueles casos cujo tratamento reconstitutivo se iniciou em recãem-nascidos, seguiu durante a infãncia e tem de culminar antes da puberdade e sempre pelo mesmo pessoal tãcnico».

Demonstrado assim o nosso quadro actual de internamentos, calcula-se que seriam precisas, *neste momento*, mais umas

| | |
|----------|---|
| 60 | camas para o Serviço Cirúrgico Pediátrico |
| 60 | » » a Secção de Medicina |
| 10 | » » o Serviço de Otorrinolaringologia |
| 10 | » » o Serviço de Ortopedia |
| 13 | » » outros Serviços Cirúrgicos |
| 25 | » em Quartos particulares |
| mais 178 | » que somadas |
| às 172 | » agora existentes, totalizariam |
| 350 | » a dispor-se no futuro Hospital. |

E chegamos ao fim.

O AMOR que nos devora, a todos os que se acercam ou trabalham no Hospital de Crianças de MARIA PIA, leva-nos a esperar confiadamente que o sonhado NOVO HOSPITAL há-de ser uma realidade muito em breve.

Esta cidade do Porto que viu nascer e crescer uma OBRA destas, vai certamente corresponder à necessidade premente que nos afflige e transformá-la num HOSPITAL digno de todos, e que corresponda às exigências sempre crescentes dos nossos dias.

Para isso contamos com todos, para nos ajudarem nesta Missão de amor e assistência às criancinhas doentes.

Contamos com a valiosíssima colaboração da Imprensa, da Rádio e da T. V. que ainda são, felizmente, a grande alavanca das nobres campanhas.

Contamos com a protecção official, Governo e Autoridades, para nos ajudarem a desbravar e vencer as mil dificuldades que um empreendimento desta envergadura acarretará.

Contamos com a benemérita Fundação Colouste Gulbenkian e com todos aqueles que têm um coração para amar e na alma a chama da Caridade cristã.

E contamos, sobretudo, com a protecção do Altíssimo!

Todos unidos dotaremos o Norte dum Marco imorredoiro, a atestar ao futuro o que pode o amor do próximo quando se unem esforços a Bem da Caridade.

CORPOS GERENTES ELEITOS NA ASSEMBLEIA GERAL
realizada em 4 de Janeiro de 1967

Mesa da Assembleia Geral

Presidente — *Dr. Vasco Michon de Oliveira Mourão*
1.º Secretário — *António Russell de Sousa*
2.º » — *Juvêncio Salgado Azenha*

Comissão Administrativa

MEMBROS EFECTIVOS

Albino Fernando Baptista
Augusto Alves da Silva Cunha
Comendador João António Peixoto Braga
João Lobo Bandeira
D. Miguel Sotto Mayor
Comendador Ramiro Martins Leão
Rui Fonseca da Cruz Formigal

MEMBROS SUBSTITUTOS

Faustino Costa de Andrade
Francisco de Paula Ferreira
Dr. Francisco M. Lumbrales de Sá Carneiro
Doutor Joaquim Pinto Machado Correia da Silva
Júlio António de Jesus Silva
Sílvio Garcia Cervan

ALBUM DE MEMÓRIAS DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE PORTO
1907-1910

ALBUM DE MEMÓRIAS DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE PORTO
1911-1914

ALBUM DE MEMÓRIAS DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE PORTO
1915-1918

ALBUM DE MEMÓRIAS DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE PORTO
1919-1922

EXECUÇÃO GRÁFICA E OBSEQUIOSA
DA LITOGRAFIA NACIONAL - PORTO
CARTOLINA E PAPEL OFERECIDOS
POR CRUZ, SOUSA & BARBOSA, LDA.